

JANE'S WALK 2020

uma experiência do caminhar além dos pés

JANE'S WALK 2020
an experience of walking beyond the feet

**Celma Paese¹, Gabriela Ferreira Mariano²
e Pedro Renan Debiazi³**

Resumo

O artigo reflete sobre o questionamento proposto pelo 3^a. Jane's Walk – Caminhar além dos pés: como lidar com mudanças onde os limites entre o privado e público e o que está dentro e fora são questionados? O texto começa contextualizando o evento em relação à crise sanitária de 2020. Em um segundo momento analisamos os fatos e eventos que levaram a humanidade a assumir o surgimento de uma nova concepção espacial e papel do Ciberespaço no contexto. A seguir, comentamos as atividades propostas no festival pelos participantes, focando especialmente na atividade proposta pelo coletivo Cartografia da Hospitalidade. Concluimos o artigo com reflexões sobre o protagonismo do ciberespaço como meio de comunicação e suporte de memória da humanidade e a necessidade de encarar a realidade da exclusão digital: resiliência é preciso, assim como estender a mão e abrir portas. Palavras-chave: Cartografia da hospitalidade, Ciberespaço, Jane's Walk, urbanismo contemporâneo, habitar e arquitetura

Abstract

The article reflects on the questioning proposed by 3rd Jane's Walk- Walking Beyond the Feet: how to deal with changes where the boundaries between the private and public and what is inside and outside are questioned? The text begins by contextualizing the event in relation to the 2020's health crisis. In a second moment we analyze the facts and events that led humanity to assume the emergence of a new spatial conception and role of cyberspace in the context. Next, we comment on the activities proposed at the festival by the participants, focusing especially on the activity proposed by the Cartography of Hospitality collective. We conclude the article with reflections on the protagonism of cyberspace as a means of communication and memory support for humanity and the need to face the reality of digital exclusion: resilience is needed, as well as reaching out and opening doors.

Keywords: Cartography of Hospitality, Jane's Walk, cyberspace, contemporary urbanism, inhabit and architecture

¹ Arquiteta e Urbanista (UNIRITTER), pesquisadora e artista visual. Doutora e Mestre em Teoria, História e Crítica da Arquitetura pelo PROPAR-UFRGS. Pós-Doutora PNPd CAPES pelo Mestrado associado Uniritter-Mackenzie. Idealizadora e mentora do coletivo de pesquisa urbana Cartografia da Hospitalidade.

² Arquiteta e Urbanista (UNIRITTER), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU UniRitter/Mackenzie. Professora Investigadora pelo programa de Doutorado "Historia, Arquitectura y Diseño", da Universitat Internacional de Catalunya (2008), articuladora e colaboradora do coletivo de pesquisa urbana Cartografia da Hospitalidade.

³ Arquiteto e Urbanista (UNIP), Mestre em Engenharia Urbana pela UFSC, gerente geral das Faculdades Estácio de Carapicuíba, articulador e colaborador do coletivo de pesquisa urbana Cartografia da Hospitalidade

O festival

Jane's Walk (Figura 1) é um festival anual de conversas a pé, gratuitas lideradas pela comunidade, que homenageia a ativista e urbanista Jane Jacobs celebrando o poder transformador que as caminhadas podem ter. No primeiro final de semana de maio de cada ano, o festival acontece em centenas de cidades ao redor do mundo. As caminhadas de Jane incentivam as pessoas a compartilhar histórias sobre seus bairros, descobrir aspectos invisíveis de suas comunidades e usar a caminhada como uma maneira de se conectar com seus vizinhos⁴.



A terceira edição do Jane's Walk de Porto Alegre aconteceu no dia 9 de maio de 2020, no contexto da crise sanitária do Coronavírus. Além de celebrar o poder transformador que as caminhadas podem ter, este ano houve a necessidade de voltar a atenção para os acontecimentos socioespaciais consequentes do isolamento social provocado pela pandemia. O evento se tornou possível graças a um processo aberto de cocriação entre o Translab.Urb, entidade representante do evento na cidade e os coletivos envolvidos na sua curadoria, entre eles o nosso coletivo: Cartografia da Hospitalidade. Através das nossas redes, agregamos parcerias locais e, junto com a comunidade internacional do evento, especialmente com a novíssima rede Jane's Walk Latinoamérica, foi possível realizar no dia 9 de maio, o Terceiro Festival Jane's Walk Porto Alegre – Caminhar além dos pés, de maneira totalmente on line. Distantes na matéria, nós encontramos nas conexões da dimensão virtual um caminho possível para as restrições de ir e vir. Além de celebrar o poder transformador que as caminhadas podem ter, refletimos muito sobre as ressignificações que estão acontecendo nas relações entre o que é física e mentalmente interno e externo; o que é público e o que é privado, e suas interfaces. As diferentes atividades propostas pelos parceiros e o envolvimento do público participante mostraram a força das reflexões presentes.

Se as pesquisas e práticas caminhantes são movimentos que proporcionam meios para o corpo ler e desenhar a cidade através de percepções e sensações causadas pelos encontros e vivências, que acontecem durante o percurso, a dimensão ciberespacial atenta para outras possibilidades de desenho, que talvez possa ser denominado de um movimento estático: enquanto o corpo se fixa em determinada localização

⁴ Ver em: <https://janeswalk.org/> último acesso 14 de outubro de 2020.

Figura 1: Card de divulgação da 3^a. Jane's Walk Poa 2020. Fonte: site do Translab. Urb, 2020

espacial 3D, a inquietude de mente protagoniza o movimento. Consequentemente, as percepções, relações e interfaces entre tudo o que é interno e externo, público e privado, sejam em nível concreto ou abstrato, passam a ser revistas, enquanto os afetos em relação a lugares já conhecidos são ressignificados.

Assuindo outra concepção espacial

Em 2020, a disrupção está no ar, em uma sociedade que acordou, em uma manhã qualquer, tendo que pensar na onipresença e visitação (Derrida, 2008) planetária de quem provavelmente Jacques Derrida (2003) nomearia de *um pequeno estrangeiro* invisível, que consigo porta o espectro da morte e seu rastro doloroso⁵.

O que tal situação significa para a sobrevivência humana? Pensar no outro foi necessário, enquanto o encontro entre os corpos se tornou raro. Perante os fatos, as pessoas foram jogadas a um *momentum* de revisão civilizatória. Um tempo extraordinário, onde os modos de comunicação, trabalho, estudo e demais práticas de convívio cotidianas precisaram ser reinventadas de um dia para outro, literalmente. Enquanto os sujeitos pertencentes ao Mundo Digital, finalmente assumem o que já viviam: o ambiente virtual como espaço de comunicação, convívio e coexistência, os que ainda não tem acesso a ele, provavelmente terão suas vidas digitalizadas num futuro próximo ou estarão fadados à opacidade.

Em artigo onde nomeia o digital de *o novo normal*, Castells (2020) coloca o papel da internet como um meio de tornar possível a revisão e sobrevivência da estrutura social humana que conhecemos. Para o sociólogo, não haverá volta, pois o novo cotidiano não será o que conhecíamos. A fim de manter a nossa comunicação em todas as circunstâncias, a digitalização completa de nossa organização econômica e social se torna necessária e permanente. O meio digital é onde a continuidade de inúmeros relacionamentos se tornou possível, assim como o alimento das emoções. Podemos exemplificar com as muitas atividades econômicas e administrativas que são mantidas, assim com as classes do ensino médio e alguns cursos universitários que poderão ser concluídos pelas plataformas que possibilitam o teletrabalho e o ensino remoto. Já é hora de assumir que outra concepção espacial é realidade, assim como é necessário dominar os seus recursos de comunicação e modos de representação e leitura. Como toda a mudança, a concepção espacial que hoje vivemos está sendo construída já há algum tempo em nosso espaço habitado.

Genericamente, o espaço pode ser considerado o lugar dos acontecimentos possíveis: um meio onde os seres que o habitam interagem, de maneira individual ou coletiva, criando sistemas interdependentes. No decorrer da sua história, os humanos viveram diferentes concepções espaciais, que Giedeon (2004) considera o registro psíquico daquelas sociedades. Na lógica do tempo linear, nos encontramos em processo de mudança de concepção espacial desde o surgimento da informática e da internet. Talvez, a mudança que estamos vivendo, só possa ser comparada à que houve com a adoção da tridimensionalidade como código da leitura e representação do espaço, no Século XV. Baumam (1999), em seu estudo sobre o processo da globalização, coloca que o surgimento da tridimensionalidade na representação espacial no Século XV foi um passo decisivo no longo caminho para a concepção moderna de espaço. Até a Idade Média, a representação espacial era subjetiva e o poder sobre o espaço

⁵ Em Derrida (2003, p.7): 'O estrangeiro sacode o dogmatismo ameaçador do logos paterno: o ser que é e o não-ser que não é.' (...)alguém que a cidade ou o Estado vai tratar como sofista: alguém que não fala como os outros (...). A visitação, por sua vez é "...o rastro de uma retirada que o ordena como rosto..." esta retirada desarticula o próprio tempo (...) desloca a ordem da presença e da representação temporais." DERRIDA, 2008, p.82).



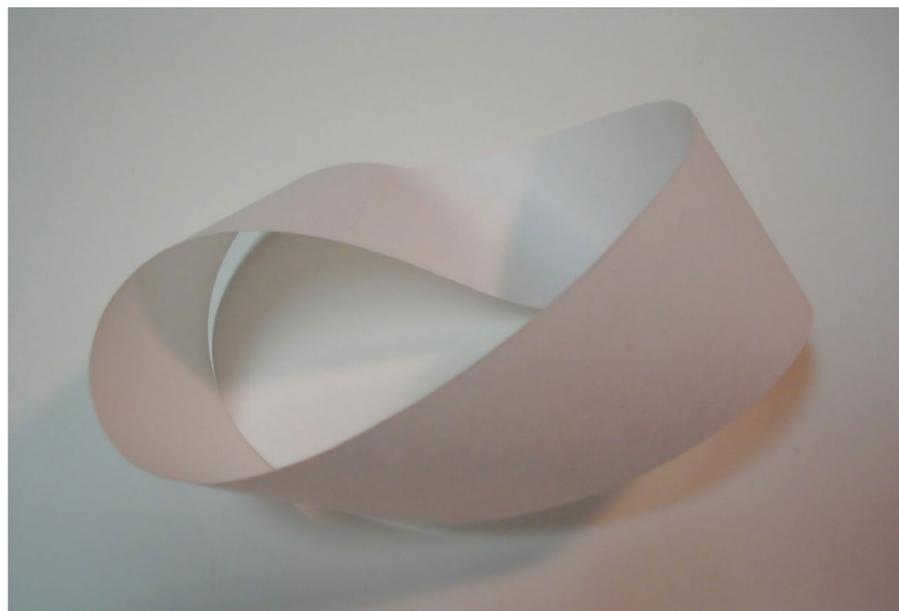
era exercido pelos modos que seus *donos* determinavam a sua representação, a fim de se sentirem seguros nele (Figura 2). No renascimento, a perspectiva passou a definir o poder sobre o espaço pelo ponto onde o observador teria mais legibilidade sobre ele. Os marcos arquitetônicos e monumentos passaram a ser objetos de referência na legibilidade da leitura espacial pelo olho humano, em uma malha ortogonal tridimensional, como se fossem coadjuvantes dos acontecimentos sociais. Quanto mais legível ortogonalmente um espaço, mais fácil ele pode ser controlável (Figura 3).

Representações de duas concepções espaciais distintas

Assim como no início do humanismo, as transformações tecnológicas das últimas décadas convidam novamente à revisão dos conceitos sobre espaço e *habitat*, que formam a base da arquitetura. Na década de 60 do século passado, McLuhan (1974) alertava sobre a Era da Informação Instantânea e o desaparecimento do espaço enquanto visual, uniforme e fechado: vislumbrava um mundo essencialmente nômade, onde o conceito de trabalho não mais seria o mesmo e a vida em sociedade se voltaria para o conhecimento e a busca do entendimento dos processos criativos. Já nos anos 90, ao estudar as possíveis influências sociais das então novas tecnologias, Pierre Lévy (1999) concluía que, à medida que a cibercultura avançasse, não haveria mais a separação entre continente e conteúdo.

Encaramos o universo on-line como uma quarta dimensão, pois além de expandir a realidade tridimensional, possui recursos e características próprias. Nessa dimensão, sem os limites e perímetros do espaço físico, o ponto de partida continua sendo o corpo físico, que pode ser considerado um centro. A partir dele, cada ponto virtual acessado é também o centro de um evento que pode ser o elo para vários outros eventos que acontecem em um tecido labiríntico que se desdobra por entre as múltiplas possibilidades de acessos. Lévy (1996) definiu esse processo como *Efeito*

Figura 2: Baixa Idade Média: Efeitos de um bom governo nas cidades. Afresco bidimensional de Abrogio Lorenzetti (1290-1343) executado entre 1337 e 1343 no Salão da Paz, Palácio Público de Siena, Itália. Nota-se que a escala do espaço é dada pela representação de atividades humanas. Figura 3: Renascimento: A cidade Ideal. Pintura executada em madeira em 1492 que representa em Perspectiva Paralela a cidade de Urbino. Antigamente atribuída a Piero Della Francesca (1439-1502). Galeria Nacional de Marcas, Urbino, Itália. No caso dessa representação a pessoa está representada pelo olho humano do observador. Fonte das imagens: Wikimedia Commons, 2020.



Moebius. Como acontece com a figura geométrica homônima (figura 4), no universo on-line as diferenças entre os lugares e tempos e as passagens do interior ao exterior e vice-versa não ficam claras. Em várias ocasiões, o privado e público se misturam, assim como o próprio e o comum, o subjetivo e o objetivo.

Identificamos o processo descrito nos acontecimentos presentes. O aumento da intensidade das interações e trocas 'entre espaços' faz com que as superfícies das fronteiras dimensionais sejam frequentemente consideradas como apenas um tênue contorno. No seu avesso e direito, a profundidade é substituída pela continuidade das superfícies: o outro lado não é senão o sentido inverso, um desdobramento. Desse modo, o avesso e o direito passam a serem sentidos como tênues e relativos. Talvez, o sentido da experiência por entre espaços que se confundem, esteja justamente no deslizar por entre eles. Se antes era o dentro, agora o fora passa a ser ilusão: no jogo da tecnologia, estamos sempre dentro de um contínuo de dobras e desdobras, talvez com alguma descontinuidade nas emendas, que nos causam certa estranheza acompanhada de alguma desorientação.

No ensaio *O sentido do Espaço*, Fuão (2003) considera a Fita de Moebius como a metáfora do que podemos descrever como a sensação de sentir o que está fora como estar dentro, logo, o que está dentro, pode estar fora. O percebemos como um contínuo infinito de repetições, que se alterna entre o brilho e a opacidade, como se estivéssemos percorrendo um universo imprevisível e incerto. Evidentemente tal situação gera um estranhamento, enquanto o desdobramento entre as superfícies de dobras e desdobras da curva são parte do processo de dar-se conta da fratura no espaço-tempo que acontece quando se passa de um lado para o outro. É justamente esse jogo de aparências que nos envolve, que a física nos faz duvidar todas as manhãs, que nos dificulta sentir as dimensionalidades simultaneamente, enquanto continuamos a nos iludir que percebemos o mundo pela a lógica do dentro e fora. Como quando estamos sentados em nosso espaço tridimensional e nos visualizamos interagindo na tela do monitor, o outro lado do anel. Tal paradoxo revela a inutilidade da lógica do dentro e fora, pois na presente concepção espacial, essa divisão precisa ser urgentemente revista.

Envolvida no efeito de dobra e des-dobra, a cidade se apresenta de um lado como uma produção ordenável e lógica, enquanto no outro é sentida como ilógica, onde a claridade e a opacidade se alternam no convívio entre a imaginação e a memória, que

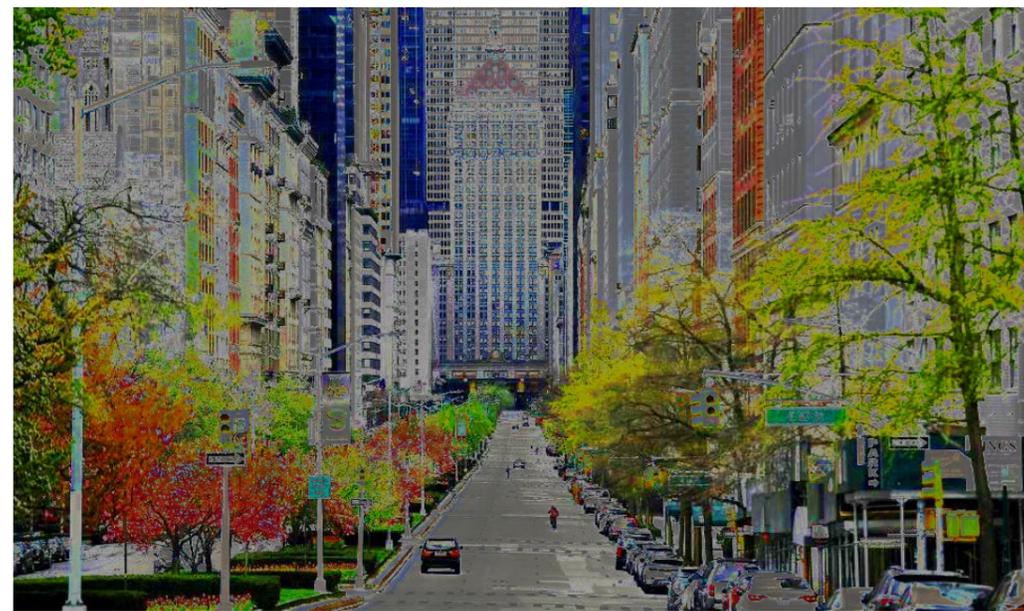


Figura 5: A cidade esvaziada. Infogravura a partir de fotografia de Nova York durante a pandemia do Coronavírus. Celma Praese, 2020. Fonte: acervo da autora.

vão se desdobrando em culturas traduzidas em estruturas sociais, que medem forças de poder em suas ações de movimentos e trocas. Na experiência de estranheza em ver a cidade esvaziada (Figura 5), é que a dimensão virtual ensaia certo protagonismo nos encontros e trocas e, conseqüentemente, facilitando a criação dos signos de mutação que nomeiam as novas experiências do eterno aprendizado de habitar o com-viver. Nesse universo, questionamos qual o sentido da falsa natureza permanente de algumas arquiteturas e na assumida transitoriedade de outras. Ilusoriamente, até há pouco tempo compreendíamos o habitar como um modo de domesticar o espaço. Porém, como relacioná-lo também ao controle do tempo, como se fosse possível para esse entendimento, reduzir a escala da eternidade e da multidimensionalidade, quando o tempo não mais se limita ao tempo do espaço de domicílio físico?

Considerando as intensas mudanças espaço-temporais que vivemos, a atenção aos sentimentos que as acompanham assim como seus derivativos, é atitude necessária. A adaptação à essas mudanças abrangem questões como a revisão da percepção da memória, da construção da cultura e, conseqüentemente, da arquitetura, em suas diferentes escalas e extensões.

Se no mundo tridimensional, a localização de um objeto ou acontecimento em um espaço pode ser simbolizada por um conjunto de coordenadas ou de indicações que constituem um sistema móvel em relação a quem observa ou vive (de que ponto do espaço?), ao agregar a quarta dimensão ou virtualidade somamos às coordenadas o fator "momento de tempo" (a que horas? Que fuso horário?) para parametrizar a irradiação e dimensão da influência dos mesmos elementos no tempo global. O tempo-espaço virtual vai muito além da matéria e do subjetivo pessoal, pois sua natureza é essencialmente coletiva.

Enquanto escrevemos esse texto, já ultrapassamos o ponto de mutação no processo de estruturação de uma nova concepção espacial e, conseqüentemente, de outra forma de viver e habitar. Fomos obrigados ao distanciamento e ao isolamento social, em alguns países de forma radical e com rígido controle do estado, aparentemente o único modo de vencer a guerra contra o 'pequeno estrangeiro'. Nessa realidade, a dimensão Ciberespacial passou a ser a alternativa mais segura para o convívio humano: enquanto os corpos caminham em círculos, em um espaço limitado e localização determinada – casa, bairro, cidade – corações e mentes voam em busca

de trocas possíveis nas conexões de redes, cada vez mais rápidas e amplas. A tecnologia, apesar de não estar ao alcance de todos, mostrou que outro mundo é possível. Paradoxalmente, nunca foi tão importante ter um lugar para chamar de lar. No interior dos *bunkers* urbanos, a arquitetura nunca mais será a mesma.

No pensamento logocêntrico, o ato de habitar é naturalmente relacionado ao fato de ter um lugar determinado e limitado por paredes, onde o sujeito sente-se bem, por ali conviver com a estabilidade e o previsível. Solis (2009) chama à análise o pensamento de Kant sobre a casa, que o filósofo descreve como a única barreira contra os horrores do caos exterior e da noite: é no recolhimento do lar que a liberdade humana desabrocha, tornando possível reconhecer as belezas da vida estável e o prazer da meditação imóvel em frente à TV, como se o 'em casa' fosse o lugar que possibilita o sujeito estar centrado em seu mundo. Se a ideia de estabilidade remete ao estado de 'estar dentro' de um espaço que o contenha, conseqüentemente, o 'estar fora' representa para o sujeito a instabilidade, o inóspito e o desconhecido. Para Fuão (2003), na casa a porta limitava o dentro e o fora, enquanto a janela era a abertura para esse fora, como se fosse um quadro para dentro de casa, que abre uma nesga para mostrar o dentro lá fora. Agora, outras portas se abrem dentro de casa e vê-se outros foras para onde se entra, que em um instante estão dentro de casa, lutando pela atenção do olhar, do sentir e do pensar (Figura 6).

Habitar é parte de nosso próprio ser, de nossa identidade. Pallasmaa (2017) reflete que, humanos são seres biológicos e culturais, enquanto uma das funções da arquitetura é a mediação da relação dos seres humanos com o nosso passado biocultural além de concretizar e salvaguardar o sentido de continuidade da vida. Por sua vez, o sentido de habitar reúne qualidades subjetivas, refletidas em um cenário funcional, material e técnico, formando um sistema aberto, que organiza o mundo do habitante. Se nos referirmos especificamente à arquitetura que chamamos de lar, essa não abriga apenas nossos corpos e necessidades físicas, mas também nossas mentes, memórias, sonhos e desejos, que devem ser ali acolhidos, acomodados e habitados. Durante o distanciamento de corpos imposto pela pandemia, a casa transcendeu sua função, transformando-se em um cenário de rituais, de ritmos pessoais e de rotinas do dia a dia. Há neste período uma dimensão temporal e uma continuidade uma produção gradual da adaptação às referências externas que permeiam o mundo da família e do indivíduo. Contínuo aprendizado e resiliência são atitudes necessárias para lidar com mudanças que fazem com que, em um instante, pelas janelas das plataformas de comunicação e aplicativos, o espaço antes privado passa a ser percebido de outra maneira.

A seguir, apresentamos o relato das atividades do evento Jane's Walk 2020 que, além de nos propiciar caminhar além dos pés, nos mostrou a importância de dar as mãos também na virtualidade.

O evento

Conforme já foi comentado no início do texto, a edição portoalegrense de 2020 do Jane's Walk aconteceu durante o isolamento social provocado pela pandemia do Covid-19. A proposição da curadoria para este ano foi a necessidade de refletir sobre as relações entre tudo que é (física e mentalmente) interno, externo, lado de dentro, lado de fora, público, privado e todas as interfaces. Assim, convidamos o público a submeter-se através da experiência de caminhar por outros modos na cidade. E assim, no sábado de 09 de Maio realizamos a 3ª Jane's Walk Porto Alegre: caminhar além dos pés (figura 8)



Figura 6: Criação de um terceiro mundo. Infocologem. Celma Paese, 2020. Fonte: acervo da autora.

Figura 7: Criação de um terceiro mundo. Infocologem. Celma Paese, 2020. Fonte: acervo da autora.

Figura 8: Card divulgação evento de abertura Jane's Walk Poa 2020. Fonte: site do Translab. Urb, 2020.

Abertura

A abertura do evento teve o formato de um bate-papo, apresentando o panorama das iniciativas de pedagogia urbana que trabalham com mobilidade, com destaque para a caminhada, neste momento de crise sanitária. Entre os convidados estavam o urbanista Leonardo Brawl Márquez como mediador da conversa com Carolina Huffmann e David Jara, urbanistas que representam o coletivo Urbanismo Vivo e que promovem o Festival de Caminatas na cidade de Buenos Aires - Argentina, desde 2012 (Figura 9).

Figura 9: Imagem do bate-papo de abertura do Jane's Walk Poa 2020. Fonte: site do Translab. Urb, 2020.



Propostas de trabalho

Nessa edição do evento, foram propostos 5 desafios (figura 10) e 5 atividades (figura 11), cada uma comandada por um coletivo, sendo eles:

DESAFIO	COLETIVO/RESPONSÁVEL
#CartografaCasa	Cartografia da Hospitalidade
Caminhar em PoA Pelas Ondas da Música	Arquiteta e Urbanista Danielle Faccin
#patrimionajanelaPOA	Arquiteta e Urbanista Danielle Faccin.
inspirAR: Inspirações de Quarentena	YAPÓ Arquitetura Consciente.
#delongeedefora	Rua_Lab, coletivo do laboratório da Escola Livre de Arquitetura.

ATIVIDADE	COLETIVO/RESPONSÁVEL
ABERTURA - Urbanismo Vivo/ Festival Caminatas	TransLAB.Urb
inspirAR: Inspirações de Quarentena (14h)	YAPÓ Arquitetura Consciente.
De perto e de dentro	Rua_Lab, coletivo do laboratório da Escola Livre de Arquitetura.
Memórias Caminhantes	T.urb.a.
CONVERSA DE ENCERRAMENTO	Equipes organizadoras dos Desafios e Atividades



Figuras 10 e 11: Imagens dos cards de desafios e atividades. Fonte: site do Translab. Urb, 2020.

Seguem imagens de atividades e desafios:



Figura 14:- Imagem do resultado do desafio patrimoníonijanelapoa
Fonte: site do Translab.Urb, 2020.

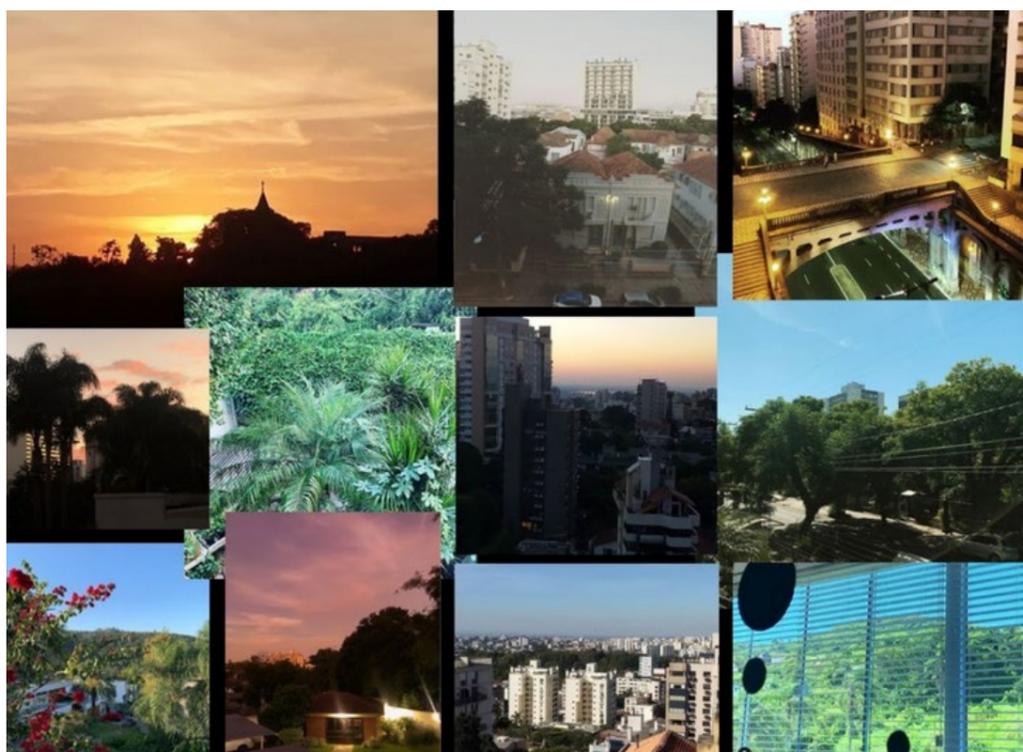
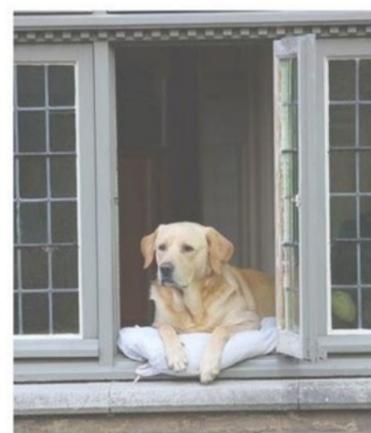


Figura 15: Imagem do resultado do desafio "inspirAR": Inspirações de Quarentena
Fonte: site do Translab.Urb, 2020.



A janela como a conexão visual que ela apresenta.
A janela como bem-estar. E boa de se aproximar.
Ela que deixa o ar entrar e faz dançar o que se deixar levar.
A soltura do medo, a vontade de desfrutar.
E com um passo
Nos aproximamos dela
E aprendemos ao observar.
A janela faz pensar.
Observar.
Sábio é aquele cachorro que o faz em sua janela.
Ou cadela. Sei lá.
Eu admiro a gente
Ao se observar.

Figura 16: imagem do desafio "Caminhar em POA Pelas Ondas da Música". Fonte: site do Translab.Urb, 2020.

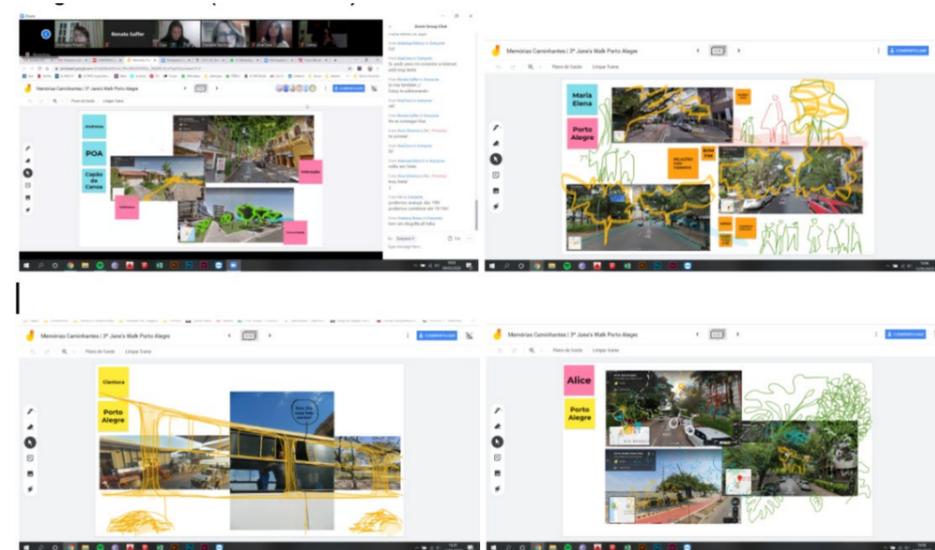
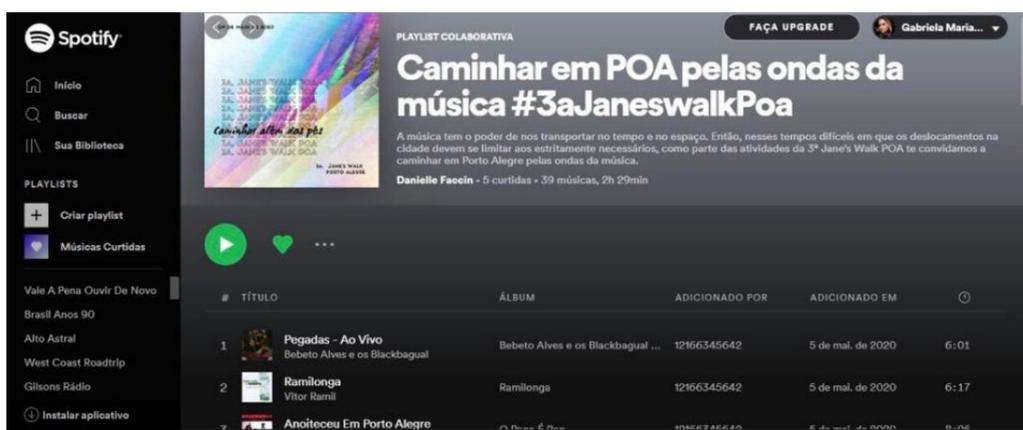


Figura 17: Imagens da atividade Memórias Caminhanças
Fonte: site do Translab.Urb, 2020.



Figura 18: Imagem da atividade inspirAR: Inspirações de Quarentena. Fonte: site do Translab.Urb, 2020.

Cartografia da Hospitalidade - Cartografacasa

Nosso coletivo focou sua proposta nas questões que envolvem o espaço de morar, cenário de uma contínua resignificação de suas espacialidades. Conforme já comentamos, as disrupções provocadas pela pandemia obrigaram os viventes a acolher em casa acontecimentos que antes eram vividos em espaços públicos, de lazer e de trabalho. Tais situações propiciaram um contínuo de resignificações espacial.

Para nossa experiência cartográfica totalmente on-line, escolhemos o formato de 'desafio'. Assim, convidamos o público a construir, com postagens nas redes sociais Facebook e Instagram, no período estabelecido de 48 horas a cartografia do acolhimento da casa durante o isolamento social, postando fotos que respondessem à seguinte pergunta:

Qual o espaço da casa que melhor te acolheu no período de isolamento social? Por quê? Solicitamos que, para localizar as fotos nas redes, as pessoas

utilizassem em suas postagens as *hashtags*⁶: #janeswalkpoa2020 #janeswalk2020 #janeswalklatinoamerica #cartografiadahospitalidade #caminharalemdospes #cartografacasa e que também marcassem o nome de duas pessoas amigas, com o propósito de multiplicar expectadores-participantes.

As fotos que seguiram as instruções, foram localizadas e publicadas no nosso perfil do Instagram em forma de stories além de organizadas na pasta Desafio JWPOa dos destaques, enquanto as postadas no Facebook foram repostadas na página do coletivo, com o acréscimo da *hashtag* #3ajaneswalk.

Observamos que, eram presentes na maioria das fotografias o que podemos denominar de janelas para o mundo lá fora, sejam elas explícitas ou metafóricas, como: a imagem das próprias janelas, os computadores, TVs, e livros. Tais escolhas estéticas traziam, de alguma maneira, a cidade, embora que esvaziada, para dentro de casa. Reflexos, luzes, obras de arte, objetos de afeto, livros, alguma natureza, são elementos presentes nos lugares de estar consigo.

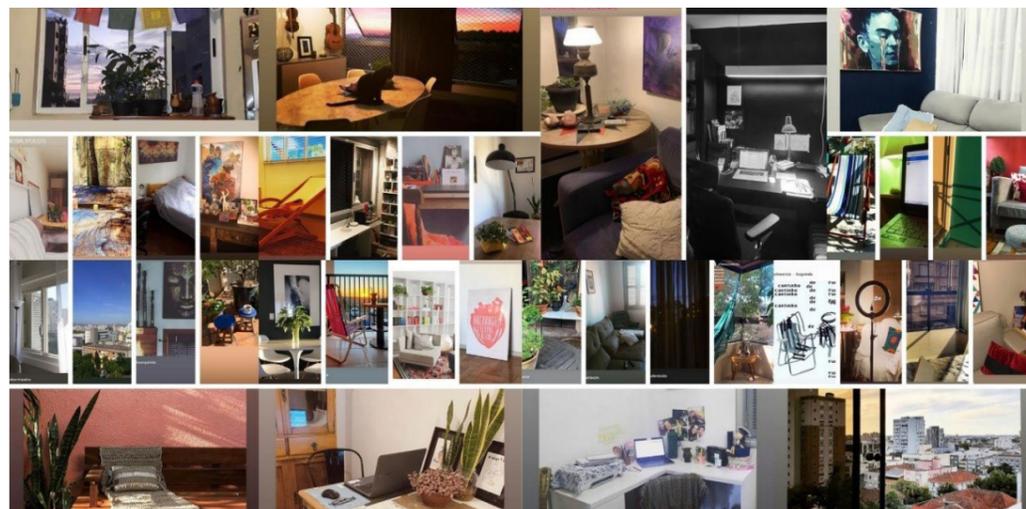


Figura 19: Resultado do desafio CartografiaCasa. Fonte: acervo Cartografia da Hospitalidade 2020.

Consideramos que houve dificuldades como a leitura e execução das instruções por pessoas que ainda estão em processo de adaptação ao uso de redes sociais e a utilidade do uso das *hashtags*: dispositivo de localização das postagens nas redes e de direcionamento do usuário para as publicações sobre o mesmo tópico, como se fosse uma palavra-chave. Por outro lado, a estratégia de nominar duas pessoas amigas por post, multiplicou a participação de expectadores-participantes.

Conclusão

A cidade enquanto espaço físico é o lugar de conviver, onde a vida acontece na sucessão de encontros e trocas dos seus caminhos, nos lugares que propiciam as descobertas e renovação do possível, a quebra e da criação de paradigmas. No extraordinário ano de 2020, o instinto de sobrevivência obrigou as pessoas ao distanciamento de corpos e dos espaços físicos de convívio. A situação de revisão civilizatória buscou no Ciberespaço a reação e resposta à falta de liberdade de ir e vir, que assumiu o seu sentido maior de existir: expandir as possibilidades de a vida

⁶ Tags são palavras-chave ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita. Na internet é representada pelo símbolo # de "jogo da velha" precedendo a palavra a ser pesquisada. Ver em: <https://rockcontent.com/blog/o-que-e-hashtag/>. Último acesso 16 de outubro de 2020.

acontecer. Ao potencializar o seu caráter de espaço de formação de sistemas de troca entre comunidades, o espaço virtual hoje é protagonista do processo social de construção de um novo paradigma de concepção espacial. Dessa maneira, configurou-se como o meio que pode colocar em sinergia e interfacear a maioria dos dispositivos de criação, informação, gravação, comunicação e simulação. De janelas para outros mundos, os monitores e telas passaram a ser portas que se abrem para modos de convívio e coexistência. A perspectiva da digitalização geral das informações e estruturas sociais tornou o Ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade. Porém, nem sempre é fácil aprender a viver nessa concepção espacial.

É urgente e necessário tomar consciência de que, se não for encontrado um meio de todas as pessoas, de alguma maneira, terem acesso às novas estruturas e se beneficiarem delas, haverá o reforço e o aumento da fissura social. A exclusão digital traz à luz, mais uma vez, os monstros que os nossos sistemas econômicos criaram: os seres humanos opacos, que ficam à margem do processo de revisão civilizatória.

Por outro lado, a violação pelos meios digitais do que era conhecido como 'em casa', criou um movimento de desestabilização na percepção de identidade com o mundo exterior, e não pelo o que está dentro de sua casa. O medo de encarar o diferente acabou por culminar com a total falta de privacidade da mobilidade individual das pessoas, enquanto atende aos interesses dos que detêm o poder territorial e de quem lucra com esta indústria. A questão não é uma reação contra o estranho ao meio, mas sim o paradoxo que se cria contra o poder que se utiliza de tecnologias de controle em nome da segurança. Este processo é chamado por Derrida (2003) *da violação do inviolável*: quando um poder sente-se no direito de utilizar dispositivos de controle para vigiar um espaço público a ponto de deixar estes dados disponíveis ou mesmo vender estas informações a quem interessa, então todo o pensamento ético em relação à privacidade de seus habitantes está em deslocamento.

Resiliência é preciso, assim como estender a mão. Caminhar além dos pés nos proporcionou a experiência de abertura de mundos para outros mundos. As reflexões derivadas do que pareceram simples atividades, criaram possibilidades de quebra de paradigmas, o que nos faz seguir por um caminho de busca pela renovação na criação e aprendizado.

Satisfeitos com os resultados da experiência e acreditando no por vir, consideramos que a edição virtual do Festival Jane's Walk vem para somar diferentes possibilidades de acontecimentos. Assim, propomos mantê-la nas próximas edições, somando-a as atividades presenciais já consagradas. Para finalizar, compartilhamos com vocês o site do coletivo Translaburb, onde é possível encontrar todas as atividades realizadas durante o evento:

<https://translaburb.cc/3-Jane-s-Walk-PoA-coronavirus>

Assim como os nosso site e endereços de referência, onde compartilhamos as nossas atividades realizadas:

<https://cartografiadahospita.wixsite.com/cartografia/cartografiadahospitalidade>

<https://www.instagram.com/cartografiadahospitalidade/?hl=pt>

<https://www.facebook.com/cartografiadahospitalidade/>

<https://br.linkedin.com/in/cartografia-da-hospitalidade-5603721a2>

Referências

BAUMAN, Zigmunt; Globalização – as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1999.

CASTELLS, Manoel. O digital é o novo normal. Porto Alegre: Fronteiras do Pensamento, 2020. Ver em: https://www.frenteiras.com/artigos/o-digital-e-o-novo-normal?fbclid=IwAR2PmrKCMjpWUXpF9v9H5m0JVuikUGjdTOe4I_NdlgSFVXrQbCNno4Wp658
Último acesso 16 de outubro de 2020

DERRIDA, Jacques em: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Ed. Escuta, São Paulo: 2003

DERRIDA, Jacques. Adeus a Emmanuel Levinas. Ed. Perspectiva, São Paulo: 2008

FUÃO, Fernando. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? Arqtexto. 3-4. Porto Alegre: PROPARG-UFRRGS, 2003, p. 10 a 40.

GIEDION, Sigfried. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999

LÉVY, Pierre. O que é virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996

McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1974

PALLASMAA, Juhani. Habitar. São Paulo: Editora Gustavo Gilli, 2017

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Desconstrução e Arquitetura-uma abordagem a partir de Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Ed. UAPÊ, 2009

Sites do coletivo Cartografia da Hospitalidade

<https://cartografiadahospita.wixsite.com/cartografia/cartografiadahospitalidade>

<https://www.instagram.com/cartografiadahospitalidade/?hl=pt>

<https://www.facebook.com/cartografiadahospitalidade/>

Último acesso 16 de outubro de 2020

Site do coletivo Translab Urb – evento Jane’s Walk POA

<https://translaburb.cc/3-Jane-s-Walk-PoA-coronavirus>

Último acesso 16 de outubro de 2020